

# que é a dialéctica?

por HENRY LEFEBVRE

Tal foi—limitada ao seu aspecto filosófico—a visão criadora de Maxengel, o excedimento do hegelianismo. A dialéctica, longe de ser o movimento interior do espírito que se retoma após desdobramentos e despedaçamentos sucessivos, é real fóra do espírito humano e anterior a ele. A dialéctica eleva a natureza ao nível da consciência ao reflectir o movimento da natureza. Visão perturbante e nova, cósmica e humana, dramática e prática, activa e penetrante, que rompe enfim com a atitude, a intensidade, o onanismo do pensamento metafísico!

O saber já não é considerado como fechado para a teoria da dialéctica. Sob a forma de teoria da evolução, ou de teoria do conhecimento, ou de lógica renovada, a dialéctica é um instrumento de penetração e de transformação do mundo,—um método, não um dogma. Nenhuma construção pode substituir o contacto prático com as coisas, a acção sobre elas,—a *praxis*.

A Solução (o terceiro termo) não é uma visão do espírito. É necessário conhecer o movimento, a direcção interna das coisas, e cooperar praticamente. A *praxis* é duplamente construtiva: criadora do conhecimento e de transformação, de contacto com as realidades e de realidades novas. A dialéctica materialista põe assim fim à série de doutrinas que limitam a actividade humana reduzindo-a à contemplação do que está feito ou à auto-contemplação. A dialéctica é mais exigente. Ela afirma a unidade da prática e da teoria, a unidade do ser e do pensamento—tendo o ser e a prática o primado nesta unidade; pois que a teoria e o pensamento são a expressão, praticamente necessária, da necessidade objectiva e da *praxis* humana.

A *praxis* (a actividade produtora material e «espiritual», considerada como um todo na vida social), é assim determinada como base da realidade e do pensamento humano. O homem cria a sua própria natureza ao criar uma natureza humanizada, ao agir sobre as coisas. A ligação prática com a natureza (o trabalho produtivo, o seu nível, a sua organização) são por isso fundamentais na história. A dialéctica materialista toma aqui a forma do *materialismo histórico* que não reduz a realidade humana às necessidades «grosseiras» mas mostra ao contrário como necessidades cada vez mais complexas e elevadas nascem do poderio crescente do homem sobre as coisas e da transformação pela «*praxis*» humana da natureza objectiva e da sua própria natureza. Consciência e cultura são bem factos *superiores*, mas é necessário procurar-lhes as condições (ou seja o modo de produção e de reprodução da vida humana, a técnica, a organização do trabalho, etc.).

A dialéctica materialista difere por isto profundamente da dialéctica hegeliana e opõe-se mesmo a ela ao mesmo tempo que continua o seu movimento. Em Hegel, como nos marxistas, a natureza, a história, o espírito, são «descritos como um processo» em que se trata de mostrar «a lógica imanente» e a «necessidade interna». Mas em Hegel a dialéctica torna-se um método de construção sintética, de dedução *a priori* das categorias. Para o materialista, a dialéctica é um método de análise; ela deve, como a Razão hegeliana, captar o movimento total; mas as categorias são formas dum conteúdo vivente, real, resultados da *praxis* e da história, «pontos nodais», abreviações da massa infinita das particularidades da existência. No «Das Kapit», modelo de aplicação do método, a indução e a dedução, o movimento teórico e a explicação histórica, a análise e a síntese, envolvem e unem-se.

Para Hegel, o terceiro termo apoia-se rigidamente sobre os dois primeiros. São os três lados dum triângulo. O conjunto é hierárquico e espacial. Nada se perde. O filósofo ocupa-se em integrar no Espírito eterno a totalidade dos elementos da existência. Os movimentos inferiores coexistem todos e sempre com os momentos superiores, na eternidade da ideia e do sistema. O tempo, o movimento, a história, a liberdade, tornam-se de novo irrealis; deixando-se dispor num quadro sinóptico verdadeiro para toda a eternidade. No materialismo dialéctico, o terceiro termo é mais «negação» do que síntese. O carácter dinâmico e positivo da negação é apercebido com mais profundidade. O terceiro termo é luta e triunfo, que retoma sem dúvida o conteúdo da oposição, sem aquela solenidade conservadora de que a dialéctica hegeliana guarda o cunho. Só então e assim existe de facto movimento e teoria do movimento, história dramática e acção, unidade dos contrários e desenvolvimento complexo «em espiral», desaparecimentos e enriquecimentos, acidentes criadores e

progressos bruscos, saltos, transformações concretas de quantidade em qualidade. A teoria dialéctica enriquece consideravelmente a teoria da evolução; o esquema habitual do devir linear, do progresso contínuo, é «magro e estéril». A teoria renovada da evolução torna-se o reflexo vivo da história natural e espiritual. A representação estática é substituída pela noção viva da sucessão, do tempo, da actividade criadora; certas formas inferiores desaparecem eliminadas ou integradas ao ser transformadas. O homem pode então atribuir-se com toda a consciência um objectivo que seja um excedimento e um desabrochar.

Para Hegel, a ideia, o espírito (portanto em última análise, a subjectividade, a consciência de si) existem inicialmente e parecem produzir-se porque já existem. A história fica como o procelamento duma grande facécia, de bastante mau gosto, que não cria, que não passa duma experiência filosófica, um pretexto para que apareça a consciência especulativa. O Espírito refracta-se num imenso jogo de espelhos, e conquista-se num mundo feito de aspectos e de reflexos; objectiva-se para se desobjectivizar; aliena-se para abolir a alienação. Mas no fim do devir não reencontra mais do que o princípio do devir. De duas coisas uma: ou todo o devir é uma aparência absurda—ou então a experiência, a dor, a desgraça da consciência, o despedaçamento do ser têm uma necessidade mística. E reencontram-se em Hegel, os velhos, os insolúveis problemas teológicos do Mal e do Pecado. De toda a maneira a dialéctica é rejeitada na aparência e negada em último lugar.

Feuerbach mostrou contra Hegel que é o homem, o homem vivente e quotidiano, que quer pensar-se, conquistar-se e realizar-se. A sua «alienação» é opressão experimentada e sentida. Para Maxengel (que atinge a unidade de todas estas direcções filosóficas, totalidade «dispersa» no humanismo de Feuerbach, no idealismo de Hegel, no empirismo e no racionalismo), o homem, homem activo e vivente, modifica a natureza donde ele saiu; excede-a nele e excede-se nela; é a *praxis*, a actividade social, que se capta e se cria criando os objectos, os «produtos» materiais e espirituais. O homem pode e deve querer uma solução total, um desabrochamento; por uma acção recíproca incessante, o homem produz as suas próprias necessidades; ele progride ao resolver os problemas postos pela *praxis*; multiplica-se ao criar obras sem cessar novas. Durante muito tempo ele foi vítima destas obras; o trabalho produtor tornou-se opressão. Ele deve libertar-se excedendo as alienações e os limites, resolvendo os conflitos. Um excedimento total renovador está no espírito do século.

W. J. U. desenvolveu a dialéctica, aprofundou ao mesmo tempo a sua base e defendeu os seus princípios contra os «revisionistas». Ele desenvolveu-a numa *metodologia geral do pensamento e da acção*, deixando aos continuadores da sua obra um programa completo, «enciclopédico», num sentido novo, ou seja: prático, político e filosófico.

A sua grandeza filosófica consiste em ter excedido completamente a especulação filosófica; ele verificou uma concepção do mundo e aprofundou-a, com o fazê-la desenrolar na vida.

O homem está hoje infinitamente dividido e infinitamente ameaçado. Algumas vezes aparece-nos bem fraco, bem perdido, em face a forças tão poderosas, tão estranhas, que se abandona toda a esperança no pensamento e na vontade. Outras vezes, pelo contrário, parece-nos claramente que infinitas possibilidades, que ainda há poucos anos teriam passado por utopias, se obram diante de nós. Deste conflito, da nossa interrogação apaixonada, vem a nossa angústia.

Reclama-se uma nova visão do mundo. É necessário que esta Weltanschauung una o realismo e o desejo moderno de eficiência ao entusiasmo da grande tradição espiritual. É necessário que ela exprima a nossa época, e a unidade que nós pressentimos do problema político e do problema espiritual. Nós queremos uma imagem de nós mesmos e do nosso destino; mas uma imagem que traga uma solução. Nós não queremos mais um espírito separado da vida. Se nós sonhamos uma exaltação criadora, nós não queremos mais do que um acto de fé que nos lance na vida. A desconfiança cresceu ao mesmo tempo que as exigências. Nós queremos uma renovação mas que não seja verbal e que não seja um logro.

A Weltanschauung verdadeiramente «moderna» (sem

(Continua na página imediata)